



CLÁUDIO ANDRÉ GUERREIRO PEDROSA

**Relatório Final
de Estágio**

Estágio Pedagógico realizado no Colégio São Martinho

**Coimbra
2011**

CLÁUDIO ANDRÉ GUERREIRO PEDROSA

Relatório Final de Estágio
Estágio Pedagógico realizado no Colégio São Martinho

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

ORIENTADOR: Mestre Miguel Fachada

COIMBRA
Junho de 2011

Esta obra deve ser citada como:

PEDROSA, C. (2011).Relatório final de Estágio. Estágio Pedagógico realizado no Colégio São Martinho. FCDEF- UC. Coimbra

RESUMO

A elaboração deste relatório pretende descrever as atividades desenvolvidas ao longo do Estágio Pedagógico, realizado no Colégio São Martinho no ano lectivo 2010/2011, estando incluído no segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Na primeira parte pretendo descrever e caracterizar o meio escolar e todas as ferramentas utilizadas para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Pretendo também descrever as várias dimensões pedagógicas inerentes ao estágio: planeamento, realização, avaliação. Faço igualmente uma abordagem à componente ético-profissional em todo o meu percurso educativo. Numa segunda parte é meu intuito realizar uma profunda análise reflexiva de todo o processo de formação, contextualizando os objetivos, enunciando as atividades desenvolvidas, dificuldades surgidas e formas de resolução.

O impacto que o estágio teve na realidade da escola e as implicações profissionais e pessoais foram também fatores em análise. Foi o primeiro ano que essa experiência decorreu no Colégio São Martinho e foi sem dúvida uma experiência profissional e pessoal enriquecedora e fundamental no meu desenvolvimento como docente.

Palavras chave: Formação, Ensino, Aprendizagem e Competências.

ABSTRACT

This report aims at describing the activities carried out throughout the Pedagogical Traineeship, accomplished at Colégio São Martinho in the 2010/2011 school year, also as part of the second year of the Masters Degree in Physical Education Teaching (Basic and Secondary School) at the Sports' Science and Physical Education College – University of Coimbra.

In the opening section, I intend to describe and characterize the school's environment, as well as the tools used in the development of the teaching-learning process. I also intend to describe the following pedagogical dimensions embedded in the traineeship: planning; performing; assessing. I shall also attempt an approach to the ethical and professional components in my entire educational development. In the second part of this report, I intend to make a deep reflexive analysis of my learning process, contextualizing the goals, referring the activities carried out, the obstacles and the ways of overcoming them.

The impact this traineeship has had in the school's reality and its professional and personal implications have also been matters of analysis. It was the first year this experience took place at Colégio São Martinho and it was, definitely, an enriching and crucial experience for me as a teacher and as an individual.

Keywords: Training, Teaching, Learning and Skills.

SUMÁRIO

RESUMO	3
ABSTRACT	4
1. INTRODUÇÃO	6
2. DESCRIÇÃO	7
2.1 EXPECTATIVAS E OPÇÕES INICIAIS EM RELAÇÃO AO ESTÁGIO	7
2.2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	13
2.2.1 PLANEAMENTO	13
2.2.2 REALIZAÇÃO	17
2.2.3 AVALIAÇÃO	17
2.2.4 COMPONENTE ÉTICO – PROFISSIONAL	18
2.3 JUSTIFICAÇÃO DAS AÇÕES TOMADAS	19
3. REFLEXÃO	21
3.1 APRENDIZAGENS REALIZADAS COMO ESTAGIÁRIO	21
3.2 COMPROMISSO COM AS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS	23
3.3 INOVAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	25
3.4 DIFICULDADES SENTIDAS E FORMAS DE RESOLUÇÃO	26
3.5 DIFICULDADES A RESOLVER NO FUTURO	30
3.6 CAPACIDADE DE INICIATIVA E RESPONSABILIDADE (ÉTICA PROFISSIONAL)	32
3.7 IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INDIVIDUAL E DE GRUPO	33
3.8 QUESTÕES DILEMÁTICAS	34
3.9 IMPACTO DO ESTÁGIO NA REALIDADE DO CONTEXTO ESCOLAR	35
3.10 EXPERIÊNCIA FORMAL E PROFISSIONAL DO ANO DE ESTÁGIO (PRÁTICA PEDAGÓGICA SUPERVISIONADA)	37
4. CONCLUSÃO	39
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1. INTRODUÇÃO

“Estágio de Ensino no meio escolar é o verdadeiro momento de convergência, por vezes de confrontação, entre a formação teórica e o mundo real do ensino”

Maurice Piéron

O meu Estágio Pedagógico, realizado no Colégio São Martinho onde lecciono há doze anos, permitiu-me satisfazer uma necessidade de formação e atualização científica. O facto de ter experiência profissional, tanto no 2º como 3º ciclos do Ensino Básico, permitiu-me uma constante reformulação/reflexão de estratégias, aplicando conhecimentos científicos adquiridos nas Unidades Curriculares do 1º ano deste Mestrado. Foi, sem dúvida um processo importante e fulcral na preparação especializada para a aplicação de conhecimentos em contextos alargados e multidisciplinares de intervenção profissional.

Procurarei, no presente relatório, transmitir, de forma reflexiva, toda a evolução por mim sentida ao longo deste ano lectivo, retratando dificuldades sentidas e ultrapassadas, justificar processos, ideias, conceitos seguidos e dar sugestões e opiniões sobre a experiência que vivi neste ano lectivo. Terei sempre presente um fator fundamental e transversal a todo o meu trabalho: a ética profissional.

Os objectivos deste relatório de estágio são descrever, justificar, refletir acerca de todo o processo de docência, de assessoria e de envolvimento em projetos educativos no Colégio São Martinho. Não será apenas uma mera descrição de acontecimentos mas sim todo um vasto processo desde as expectativas previstas, evolução, tomadas de decisão, trabalho individual e de grupo realizado, e conclusões.

2. DESCRIÇÃO

2.1 Expectativas e opções iniciais em relação ao Estágio

Foi com enorme expectativa que iniciei este ano lectivo, já que iria realizar um objectivo há muito tempo traçado. O facto de já ser licenciado em Educação Física, com doze anos de serviço docente, e de ter já realizado dois estágios Pedagógicos na Escola Superior de Educação de Leiria (um no âmbito do 1º ciclo e outro no 2º ciclo), criou em mim um sentimento de motivação extra e de responsabilidade para mim próprio. Sem dúvida alguma que encarei este desafio de maneira diferente dos desafios da minha licenciatura. Tinha a noção de que iria aprender muito, evoluir no papel de docente e acima de tudo realizar-me pessoalmente. O aprofundamento científico, os contextos alargados e multidisciplinares, a organização e gestão escolar eram pretextos suficientes para realizar um bom trabalho e alcançar o sucesso.

O facto de leccionar no Colégio São Martinho e de acumular diferentes papéis, criou em mim um sentimento de distinção de funções. Por um lado continuaria a ser docente daquele estabelecimento de ensino, por outro lado iria envolver-me em projetos, atividades, aprendizagens no papel de professor estagiário de uma turma do nono ano. Sem dúvida que a possibilidade de realizar este estágio no Colégio São Martinho foi uma mais valia para mim.

O estágio seria assim um desafio aliciante e só com muita organização diária e capacidade de trabalho conseguiria ser superado. O facto de, no meu dia-a-dia, ter de assegurar as minhas funções docentes no Colégio, retirava-me algum tempo para me dedicar em exclusivo ao estágio. No entanto, e com apoio da Direção do Colégio, do grupo de Educação Física, do núcleo de estágio e respectiva orientadora, consegui estruturar e realizar todas as tarefas de estágio de forma organizada sem por em causa as minhas obrigações profissionais.

No meu PIF (Plano Individual de Formação) faço referência ao Decreto-Lei 240/2001 que define o perfil de desempenho docente e a necessidade de formação constante. É baseado nesta mesma ideia que me propus a alcançar objectivos de desenvolver competências.

Os principais objectivos que pretendi atingir dividem-se em duas áreas:

- uma relacionada com a didáctica específica da Educação Física
- e outra com a gestão escolar mais propriamente no que respeita ao desempenho de cargos.

No que diz respeito à Intervenção Pedagógica, pretendi melhorar ao nível de quatro dimensões pedagógicas (Instrução, clima, gestão e disciplina), bem como a melhoria da utilização do Feedback Pedagógico. Outra meta a atingir diz respeito ao aumento do tempo potencial de aprendizagem dos alunos.

Para alcançar estes objectivos delineei estratégias, os quais passarei a enunciar:

- Conversar, debater ideias/estratégias com os orientadores;
- Observação de aulas dos estagiários, do orientador e restantes docentes de Educação Física;
- Consultar programa da disciplina, livros específicos e fichas de exercícios;
- Antever variantes de facilidade ou dificuldade para cada aula;
- Trabalhar em grupo com restante Núcleo de Estágio

Analisando o meu Plano Individual de Formação, sinto que atingi todos os objectivos que me propus. Talvez a maior evolução diga respeito à intervenção pedagógica. É aqui que me sinto realmente à vontade, no contacto directo com os alunos, com as suas características únicas e com a sua evolução. No entanto devo admitir que, neste momento, domino com muito mais à vontade e eficácia todo o processo de planeamento. Plano Anual, Unidades Didáticas, planos de aula são agora elaborados de forma mais segura e mais exequíveis. Sem dúvida que os professores orientadores tiveram um papel fundamental nesta evolução, já que me auxiliaram e permitiram uma análise reflexiva consciente. Esta supervisão pedagógica faz parte integrante de um processo ensino-aprendizagem que estou inserido.

“Observar um professor na sua ação, fornece-lhe dados que obtivemos e ajudá-lo a utilizá-los, constituem os diversos componentes de um feedback que facilita a aprendizagem a todo o formando e, no caso particular que nos ocupa, ao professor”, refere Piéron (1996). Foi com base nas indicações dos professores orientadores que fui rectificando o meu plano de aula, adequando-o da melhor maneira a uma leitura simples e objectiva. As dificuldades iniciais relativas à elaboração e definição de objetivos comportamentais e específicos foram sendo dissipadas ao longo do processo. Uma das grandes dificuldades iniciais diz respeito à variedade de objetivos propostos. Inicialmente, determinava um conjunto vasto de objetivos a cumprir que, com o decorrer das aprendizagens, verifiquei que não conseguia atingir com os alunos. Nas reflexões pude constatar que deveria trabalhar no sentido de objetivar claramente o que era exequível. E com o decorrer do estágio pedagógico verifiquei que consegui que os alunos atingissem esses objetivos.

Realidade encontrada

É fácil retratar a realidade por mim encontrada já que estou nela inserida há doze anos. Com mudanças significativas este ano em termos de espaços desportivos, registo uma melhoria e uma aposta clara da Direção do Colégio, na disciplina de Educação Física e nas condições para a prática de atividade física escolar.

O Colégio São Martinho nasceu no ano de 1998 na Freguesia de São Martinho do Bispo na localidade de Fala. Ergueu-se, baseado num projeto educativo credível e audaz em que os alunos e as suas aprendizagens estavam na base de toda a estrutura.

Iniciou a sua atividade no ano lectivo 1998/1999 com cerca de 200 alunos, 25 professores e 6 funcionários. A partir dessa data esta instituição continuou a crescer e a formar jovens para a sociedade. Neste momento o Colégio São Martinho tem mais de 600 alunos do 5º ao 12º ano, cursos de educação e formação e mais de meia centena de professores.

No presente ano lectivo, aquando do início do estágio pedagógico, o Colégio encontrava-se em obras de melhoramento dos espaços desportivos, nomeadamente a cobertura de um polidesportivo e o alargamento de balneários e estruturas adjacentes. Por este motivo o início do ano lectivo foi um pouco condicionado no que aos espaços desportivos diz

respeito. Apenas utilizámos o campo número 3 e o Ginásio como locais de aula. No entanto esta situação decorreu apenas durante o mês de Setembro, pelo que em Outubro todos os espaços estavam disponíveis para a realização das aulas de Educação Física.

Além da componente motora, a disciplina de Educação Física contempla igualmente uma perspectiva de análise da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar. Nas primeiras aulas abordei assim esta perspectiva em algumas aulas teóricas, onde recorri a vídeos para análise e posterior debate na turma. Os temas incluíam a alimentação do desportista, o repouso e sono e também a importância da higiene. Verifiquei que não existia muito interesse nestas matérias pelo que apelei ao sentido crítico dos alunos para comentarem os vídeos apresentados, o que sucedeu na última aula de índole teórica. Aqui criei grupos de trabalho no sentido de analisarem um tema e posteriormente o apresentarem ao resto da turma. O debate decorreu de forma positiva onde vários grupos criaram uma boa dinâmica e interação com o resto da turma.

O grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física engloba quatro professores, sendo dois deles do quadro de escola e outros dois contratados. É um grupo unido, com uma vocação muito forte para o ensino da Educação Física escolar e com um espírito de entreatajuda muito grande. Todo o grupo foi sempre incedível no que concerne ao apoio solicitado pelo núcleo de estágio.

A realidade encontrada em termos de espaços e materiais desportivos é bastante agradável, proporcionando condições para a abordagem de todas as matérias consideradas nucleares nos programas da disciplina. Existem ainda condições para a realização de várias matérias alternativas, onde destaco as multiactividades de aventura (escalada, rapel, tiro com arco, etc).

Como espaços disponíveis para as aulas de Educação Física, o Colégio São Martinho disponibiliza 3 polidesportivos, sendo um deles coberto e com capacidade para abordar modalidades como futsal, andebol, voleibol, atletismo, badminton, ténis entre outras. Nos outros dois, um tem duas tabelas de basquetebol e é essencialmente destinado à prática dessa

modalidade, enquanto o outro é um polidesportivo reduzido com capacidade para leccionar unidades didáticas de futsal, andebol ou voleibol.

Além destes espaços existe ainda um ginásio totalmente equipado com materiais gímnicos, com uma parede de escalada artificial de 2 vias de 6 metros e com espaço para a modalidade de voleibol, ténis de mesa, badminton e palco para danças.

No exterior dispomos ainda de uma 5 corredores de 40 metros destinados ao atletismo e ainda 3 mesas de ténis de mesa.

O núcleo de estágio

Os colegas do núcleo de estágio foram sempre determinados em colaborar da melhor forma com todo o tipo de trabalho para o estágio Pedagógico. Por vezes existiram situações em que as nossas opiniões eram divergentes, mas depois de algumas trocas de ideias chegámos sempre a consenso. As reuniões formais eram sempre curtas para discutir todas as matérias pelo que existia diariamente troca de ideias relativamente a estratégias de ensino ou a diferentes abordagens relativamente às aulas. Acredito que poderia ter sido abordado de outra forma as reflexões de aula, no entanto as observações às aulas dos colegas foram efectuadas com profissionalismo e com o rigor necessário para que pudesse, de alguma forma, contribuir para a melhoria de processos do professor estagiário.

Os professores orientadores

Sabendo de antemão qual a minha orientadora no Colégio, permitiu-me estar mais à vontade na colocação de dúvidas e esclarecimentos de índole pedagógica. A professora Luísa Mesquita mostrou-se sempre presente e acessível em todas as componentes do estágio pedagógico. Sinto que houve uma enorme evolução fruto das observações das aulas e dos sempre pertinentes comentários da professora. No mesmo sentido, o Professor Miguel Fachada mostrou-se sempre presente e disponível para esclarecimento de quaisquer dúvidas surgidas. As suas sugestões dadas nas aulas observadas foram sempre tidas em conta e

contribuíram decisivamente no meu processo de formação, essencialmente no que diz respeito à condução das aulas de forma mais tranquila e serena. O processo reflexivo foi ativado e em muito contribui para a minha evolução como docente.

A turma de estágio

A turma que me foi destinada era do 9º ano e era constituída por 29 alunos, dos quais 15 eram rapazes e 14 raparigas. Apenas um aluno era repetente.

Todos eles já tinham sido meus alunos no 2º ciclo. Esta situação trouxe alguma tranquilidade no processo de avaliação diagnóstica, já que, por um lado, sabia o que tinham trabalhado durante esses anos, por outro lado, trouxe-me alguma expectativa no sentido de perceber a evolução motora ao longo destes anos. A vantagem de ser docente no local de estágio, permitiu-me um conhecimento mais real e adequado dos alunos da turma, das suas vivências e dos seus comportamentos motores. No Colégio São Martinho os docentes fazem um acompanhamento muito próximo dos alunos tanto dentro da sala de aula, como fora do contexto sala de aula. Foi neste último aspecto que me baseei para caracterizar a turma da forma mais real possível. A afinidade com alunos e encarregados de educação trouxe-me um à vontade fundamental para poder desenvolver um trabalho de qualidade e de aprendizagens proficuas.

A minha proximidade com os alunos fora do contexto de aula (essencialmente no refeitório, quando almoçava junto dos alunos da turma) permitiu-me conhecer melhor estes alunos em alguns aspetos. Entendi melhor o relacionamento entre vários alunos da turma o que me permitiu adequar a prática valorizando os aspetos positivos e promover aprendizagens significativas. De certa forma também tentei ir de encontro às expectativas dos alunos, no que diz respeito à abordagem das modalidades, na criação de grupos/ equipas e também nas relações entre alunos e professor/alunos.

2.2 Descrição das atividades desenvolvidas

2.2.1 Planeamento

O grupo disciplinar de Educação Física funciona, no que à rotação de espaços diz respeito, no sentido de abordar modalidades desportivas em função do espaços existentes. Assim, toda a escolha das unidades didáticas, bem como os locais/ espaços desportivos a utilizar foram definidos em reunião de grupo. Aí foi definido todo o planeamento anual por ciclos de escolaridade e posteriormente adequado ao espaço disponível. Todos os professores do Colégio utilizam os espaços desportivos seguindo uma lógica interna. Assim, em cada período são abordadas 3, 4 ou 5 modalidades, utilizando o espaço destinado ao docente. O Ginásio é utilizado obrigatoriamente uma vez por período por cada professor. Aí cada docente fará a sua planificação em função da modalidade a abordar. Os critérios utilizados pelo grupo de Educação Física baseiam-se, em primeiro lugar, na composição curricular, onde as matérias nucleares são garantidas, e posteriormente a uma adaptação às condições físicas e materiais da escola, de modo a poder abordar as matérias alternativas constantes nos programas de Educação Física. A lógica para este planeamento baseou-se sempre numa dupla perspectiva: a do desenvolvimento dos alunos e a do desenvolvimento da Educação Física Escolar. Os critérios de grupo incluem ainda a definição de um conjunto de objectivos dos programas para cada ano, as características das diferentes etapas ao longo do ano e as caracterização das possibilidades de cada espaço aula.

De seguida irei referir quais as competências que me propus melhorar e/ou melhorar relativamente à Didática da Educação Física.

Através do Planeamento Anual pretendi apresentar todas as ações (atividades, formações, dias desportivos, torneios, etc) levadas a cabo pelo grupo de Educação Física.

No que diz respeito ao Plano Anual de Turma, que segundo Bento (2003) é “é um plano de perspectiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas”, propus atingir os seguintes objetivos:

- Caracterização do meio escolar, do grupo de Educação Física, espaços e Turma.

- Definir os diferentes tipos de atividades a abordar em cada turma, ao longo das várias etapas do ano lectivo e sua forma de avaliação;
- Adequar a aplicação dos conteúdos considerados obrigatórios, de acordo com o diagnosticado na Avaliação Inicial e realizar um acompanhamento objetivo através da avaliação formativa;
- Possibilitar a individualização, sempre que possível, do ensino;

Relativamente às unidades didáticas, preocupei-me essencialmente em :

- Estruturar a matéria de ensino e formular objectivos, definir estratégias e conteúdos, promover a avaliação.

As unidades didáticas, a sua articulação e a sua sequência constituem, por assim dizer, o cerne do processo pedagógico em geral e da planificação em particular.

Era meu objetivo incluir nas Unidades Didáticas todos os capítulos considerados necessários, em que o conteúdo de cada capítulo e as decisões tomadas no seu seio são explicitamente apresentadas e fundamentadas de forma clara e pertinente.

Uma vez que todo o núcleo de estágio tinha turmas de 9º ano e iria abordar as mesmas modalidades, entendemos, com a aceitação dos orientadores, criar Unidades Didáticas conjuntas, fazendo uma clara adaptação ao nível da turma em questão. Tentei, de forma coerente, explicitar as decisões tomadas entre as partes onde é suposto existir sequência. Tentei que estas planificações fossem claras e corretamente fundamentadas ao nível da relação entre nível da turma, programa da disciplina e decisões tomadas.

Todos os condicionalismos já atrás enunciados foram tidos em conta para a planificação das unidades didáticas. Desde os constrangimentos iniciais devido às obras, até ao material existente e espaços disponíveis. Estas tarefas exigiram uma minuciosa pesquisa e recolha de dados atualizada de modo a seleccionar corretamente a matéria de ensino.

Todas as nossas unidades didáticas seguiram uma lógica comum, adaptada *à posteriori* à realidade de cada turma. Fizemos sempre uma resenha histórica onde caracterizávamos a modalidade e a sua evolução. Utilizámos terminologia específica e

conteúdos atualizados. A escolha destes justifica-se na relação entre o estipulado nos programas da disciplina, no material e espaço existente no Colégio, e na pertinência da sua aplicabilidade no grupo turma. Com base no descrito nos programas da Educação Física, e de acordo com a caracterização das instalações (materiais e espaços disponíveis) partimos para a elaboração de um conjunto de objectivos para este ano de escolaridade. Os conteúdos a abordar, bem como as progressões pedagógicas foram alvo de reflexão e serviram como base de trabalho para a minha turma. No entanto, com a aplicação prática, muitas adequações foram efectuadas. Dou o exemplo da ginástica de aparelhos, na qual não estava prevista a abordagem ao salto mortal à frente no minitrampolim. Este conteúdo foi abordado em virtude do bom desenvolvimento técnico de um grupo de alunos. Estes foram evoluindo ao longo da unidade didática pelo que existiu a possibilidade de abordar este conteúdo.

Todos estes factores reunidos permitiram uma escolha de conteúdos programáticos enunciados nas unidades didáticas e, posteriormente, nos planos de aula.

Outra componente fundamental nesta planificação de médio prazo diz respeito ao formular de objetivos. Estes, foram sempre diferenciados entre objetivos gerais e específicos, baseando-nos no que diz respeito aos objetivos gerais aos 3 domínios (psicomotor, cognitivo e sócio-afetivo). Partimos assim com os mesmos objetivos para uma unidade didática com a mesma duração em todas as turmas, mas com uma aplicabilidade necessariamente diferente em função das particularidades dos alunos. Em função do processo ensino-aprendizagem os planos de aula foram flexibilizados de modo a otimizar as aprendizagens e a ajustar vários níveis de desempenho dos alunos. Para tal criámos uma sequência e extensão de conteúdos que, com estratégias de ensino eficazes, nos permitiram obter sucesso com as aprendizagens dos alunos. Na elaboração desta grelha de extensão e conteúdos, surgiu-me como grande dúvida inicial, a aplicação dos conteúdos em função das aulas a leccionar. Quais os primeiros conteúdos a serem abordados? Durante quanto tempo prevemos a sua consolidação? Porquê começar com “este” conteúdo e não com outro? Estas foram algumas questões iniciais que coloquei a mim mesmo. As respostas foram dadas ao longo das unidades didáticas. A prioridade relativamente a umas deveu-se a questões de ordem metodológica e de progressão. Não fazia sentido consolidar o remate no futsal sem que o passe não estivesse bem dominado, por exemplo. Quanto ao tempo de consolidação, só com o decorrer das aulas é que fui

verificando se seria importante abordar este ou aquele conteúdo durante mais tempo ou avançar para outro.

Todo este processo decorreu sempre com uma análise diária das aulas e em função da evolução dos alunos. Utilizando o trabalho individual, outras vezes utilizando o trabalho colectivo, aumentando o tempo de repetição, criando condicionantes à tarefa, utilizando material diferenciado (dou o exemplo da utilização de bolas de voleibol “soft”, normalmente utilizadas para alunos do 2º ciclo), foram sempre estratégias de ensino que utilizei para potenciar as aprendizagens dos alunos.

No início de cada unidade didáctica foi apresentada uma grelha (da sequência e extensão de conteúdos), a qual, como já referi, foi sempre modificada em função da análise diária da evolução e do processo ensino-aprendizagem da turma (avaliação formativa). No final apresentei uma grelha com conteúdos realizados.

Quanto à aula, e para uma boa organização da classe/turma, baseei-me nos pressupostos referidos por Bañuelos (1992), o qual refere que “um bom planeamento de aula trará uma maior possibilidade de assimilação na aprendizagem; máxima participação dos alunos e individualização do ensino. Trará igualmente o desenvolvimento de um bom clima de aula e boa dinâmica geral”.

A aula é o elemento fundamental no qual a aprendizagem deve ser potenciada. No plano de aula pretendi enunciar objectivos comportamentais, componentes críticas e tarefas a cumprir. A esquematização / operacionalização das tarefas tornaram fácil a interpretação do plano, permitindo uma análise rápida da disposição de aula. Deveria constar do plano, a meu ver, uma zona de registos de modo a facilitar a ligação de uma aula para a outra.

2.2.2 Realização

Na minha intervenção pedagógica senti-me sempre muito à vontade na comunicação com os alunos. Um dos meus pontos fortes diz respeito à Instrução. A interação com os alunos existiu sempre, se bem que numa fase inicial estaria “rípido” demais para com eles. O meu tom de voz e a afectividade foram melhorando e penso que evolui neste aspecto. Tentei dar muitas instruções, ser correto nas demonstrações e na informação prestada. Tal como Carreiro da Costa (1988) cit. por Petrica (2004) refere “ professores mais eficazes proporcionavam mais instrução aos seus alunos, ilustrando através de demonstrações o que diziam e, ainda, tendiam a fornecer maior número de feedbacks apropriados, do que a média geral”.

Em todas as aulas tentei criar uma dinâmica de rotinas, as quais foram entendidas pelos alunos, mas que não foram utilizadas por mim frequentemente. Com 29 alunos penso que seria útil reforçar a utilização destes meios de ensino. O apito foi um auxiliar precioso para a organização da aula. Criei uma regra do “um apito”, onde os alunos tinham de parar a atividade e escutar atentamente o professor e a outra dos “dois apitos”, em que os alunos tinham de parar a atividade e deslocarem-se rapidamente para o perto do professor ouvindo-o.

A gestão da aula foi, de uma maneira geral muito boa, podendo melhorar no que acima referi (rotinas de aula). Em todas as aulas tinha como objetivo aumentar ao máximo os tempos de empenhamento motor. “O tempo de empenhamento motor apresenta muitas vezes correlações positivas com as aquisições motoras, é desejável aumentá-lo durante a sessão de atividades físicas” refere Piéron (1996).

2.2.3 Avaliação

No início do ano todos os alunos e Encarregados de Educação, receberam a informação escrita relativa ao funcionamento e critérios de avaliação da disciplina de Educação Física.

Em reunião de núcleo de estágio, decidimos realizar a avaliação diagnóstica no início de cada unidade didática. Tendo sempre presentes os critérios de avaliação definidos pelo grupo de Educação Física, realizámos grelhas de avaliação diagnóstica onde, face aos objectivos que definimos para o final da unidade didática, registámos objetivamente comportamentos motores dos alunos. Foi sempre a partir deste diagnóstico que avançámos com o trabalho semanal em função do desenvolvimento dos alunos. A colocação dos alunos por níveis (introdutório, elementar e avançado) foi efectuada de forma empírica e baseado no conhecimento que tinha dos alunos. Esta definição foi sempre discutida com a orientadora de estágio, no final de cada aula de avaliação diagnóstica.

A principal ferramenta na condução do processo ensino aprendizagem diz respeito à avaliação formativa. Esta era feita diariamente e permitiu-nos ir adequando a matéria de ensino às aprendizagens desenvolvidas. Todos os registos relativos à avaliação formativa encontram-se nos relatórios de aula.

A legislação, no artigo 19 do Despacho normativo nº 1/2005 refere "...a avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico...". Tentei, também com recurso a estes registos diários, ir controlando e regulando o processo ensino-aprendizagem, pelo que senti ser realmente a mais importante das avaliações,. No entanto, a classificação final parece ser aquela que os alunos valorizam pois é visível a todos.

A avaliação sumativa foi sempre realizada nas últimas aulas das unidades didáticas e incidiu sempre sobre a matéria de ensino abordada. Foram utilizadas grelhas de avaliação, em formato Excel, devidamente aprovadas pelo núcleo de estágio e respetiva orientadora. Para a avaliação sumativa de final de período, o grupo de Educação Física dispunha de uma grelha com todos os parâmetros da avaliação e com os respectivos pesos. Eram nestes registos que condessávamos todas as avaliações efectuadas de modo a obter um nível quantitativo.

2.2.4 Componente ético – profissional

Sem dúvida um parâmetro fundamental na minha formação como Homem e como docente. Ao longo de todo o estágio tentei ser sempre o mais justo possível para com os

alunos e para com as suas aprendizagens. Valorizei sempre as práticas e dei as mesmas oportunidades a todos para que pudessem obter sucesso. Outro pormenor fundamental no meu desempenho profissional diz respeito à transmissão de informação ao aluno. Informei sempre os alunos das normas e regras a cumprir, do que se pretendia realizar, como realizar e o porquê de realizar.

No início do ano senti dificuldades em resolver algumas situações relacionadas com as conversas paralelas dos alunos, as quais promoviam distrações à turma. Eu próprio me sentia perturbado pelo que foi sempre objecto de reflexão conjunta com professores orientadores, Diretora de turma e colegas do núcleo de estágio. Fui utilizando diversas estratégias (desde as chamadas de atenção na aula, até aos registos nas cadernetas para informação aos Encarregados de Educação) e penso que o facto de ter tido algumas conversas com determinados alunos, fora do contexto aula, facilitou o entendimento mútuo. Fui sem dúvida, à procura de um maior conhecimento “extra aula” dos alunos de modo a tentar perceber o porquê desta destabilização. O conhecimento da realidade familiar dos alunos facilitou as minhas escolhas de estratégias de ensino e verifiquei que alguns deles manifestavam problemas familiares que poderiam ser a causa destes comportamentos de desvio. Como refere Parreiral (2005), “hoje em dia, já são numerosos os trabalhos que analisam os diversos efeitos das práticas educativas familiares sobre as carreiras escolares dos alunos”.

2.3 Justificação das ações tomadas

O meu desempenho docente foi sempre sustentado e devidamente justificado. As grelhas de avaliação diagnóstica e sumativa, as grelhas de extensão e sequência de conteúdos de todas as unidades didáticas, os planos de aula e as escolhas dos objetivos e tarefas a realizar foram sempre justificadas perante os professores orientadores e também alunos. Nos balanços de todas as unidades didáticas apresentei as justificações para as minhas escolhas, tanto para objetivos, conteúdos e estratégias. Todas as grelhas de avaliação foram observadas e discutidas com os alunos de forma a permitir auto e hetero avaliação.

Uma das características da avaliação diz respeito à subjetividade. “A avaliação continua a ser um processo necessário à regulação, orientação e controlo das aprendizagens. Tem, sem dúvida uma forte componente subjectiva, agravada pela ausência de produtos permanentes de avaliação (testes escritos, fichas, etc)” refere Carvalho (1994). Justifico com a avaliação formativa a regulação e controlo do processo ensino-aprendizagem, já que foi essencialmente através dos relatórios de aula, que fui adequando a prática e as necessidades dos alunos. Os registos diários foram importantes para delinear novas estratégias e novas propostas para melhoria do desenvolvimento motor dos alunos. Após conversa com o professor orientador Miguel Fachada e por sugestão dele, comecei a realizar registos escritos no sentido de verificar as aprendizagens dos alunos. Fui verificando quais os alunos que progrediam e os que necessitariam de mais tempo de consolidação motora. Pareceu-me uma escolha acertada já que foi mais fácil a criação de grupos de nível e consequente aplicabilidade nos alunos.

A avaliação inicial foi determinante em todo o processo ensino-aprendizagem pois foi através dela que delinee as estratégias que achei conveniente para que os alunos alcançassem sucesso. O despacho normativo nº 1 /2005 no seu artigo 18 refere a avaliação de carácter diagnóstico visa a “adopção de estratégias de diferenciação pedagógica”. Após conversas com os orientadores de estágio entendi que a melhor forma de regular seria através de pequenos registos diários (nos relatórios de aula). Estes foram importantes no adequar objectivos e tarefas específicas para determinados grupos de alunos. Dou o exemplo da ginástica onde existiam grandes disparidades nos desempenhos motores dos alunos. Com a avaliação contínua, resultante da interação com o professor, com os colegas e com o próprio, foi-me permitido adequar e regular a atividade de modo a possibilitar aos alunos aprendizagens objectivas. Naturalmente o empenho, esforço e motivação dos alunos estiveram presentes neste desenvolvimento. As condições de prática possibilitaram igualmente este desenvolvimento e esta aprendizagem real. Não posso deixar de referir que o facto de existirem alunos com prática desportiva extra escolar, possibilitou, sem dúvida, uma melhoria dos desempenhos globais da turma. Soube utilizar estes alunos como factor, não só motivacional para a turma, como também de modelo para determinadas ações motoras. No Basquetebol tinha um aluno federado que colaborou em demonstrações e até ajudas aos colegas e na Ginástica, o facto de ter dois praticantes de alto nível, favoreceu as demonstrações e ajudou no desempenho do resto da turma.

No final da unidade didática de Ginástica de aparelhos cerca de $\frac{1}{4}$ dos alunos realizavam salto de mãos no plinto (que no início da unidade didática não o faziam). Parece-me uma evolução muito positiva em virtude do esforço e empenho dos alunos e também das tarefas e estratégias utilizadas na unidade didática.

Relativamente à intervenção pedagógica, como já referi anteriormente, entendo que o meu ponto forte diz respeito à comunicação. Transmiti as informações de forma clara e sequencial, demonstrando excelente capacidade de comunicação e domínio dos conteúdos. Isto facilitou a própria condução de aula e também a qualidade e quantidade dos feedbacks fornecidos aos alunos. Pela minha personalidade e experiência profissional fui, por vezes, pouco tolerante com alguns alunos justificando-o com o elevado número de alunos da turma (29) e pela difícil relação inter-pessoal entre alguns deles.

3. REFLEXÃO

3.1 Aprendizagens realizadas como estagiário

Todo o trabalho desenvolvido como professor estagiário pretendeu ir ao encontro dos objetivos definidos no guião desta unidade curricular. Englobava duas grandes dimensões: a das atividades de ensino aprendizagem e a da atitude ética profissional.

Um das minhas aprendizagens ao longo deste processo diz respeito à reflexão constante do trabalho desenvolvido. O facto de existir planificação não cria, de maneira nenhuma, uma ação estanque do processo ensino aprendizagem. Existiram variadíssimas aulas que tive de reajustar o planeado em função da realidade encontrada na aula. Estes reajustamentos foram efectuados com base naquilo que achava pertinente modificar, de modo a garantir condições para uma aprendizagem de qualidade. Adequiei aulas de basquetebol, devido às más condições atmosféricas. Realizei jogos “bola ao poste”, já que no espaço coberto (campo um) não tinha tabelas de basquetebol. Reduzi campos de futsal para determinados grupos de alunos de modo a permitir aos alunos mais tempo de contacto com a bola em situação de jogo. Criei estações específicas para determinados alunos para melhoria dos rolamentos à frente e à retaguarda. Utilizei bolas “soft” para consolidação do passe e

manchete no Voleibol, já que existiam alunos que já se tinham lesionado em anos anteriores no Voleibol e tinham medo das bolas “mais duras”.

Tenho a noção que foi uma tarefa difícil e complexa já que com uma turma tão grande nem sempre consegui os melhores resultados. Faço referência às observações das aulas dos outros professores estagiários e às aulas da professora orientadora. Estas observações / reflexões permitiram-me encontrar soluções para alguns problemas existentes na minha turma. Posso dar o exemplo de uma situação específica de aquecimento de voleibol. Após observação de uma aula de estágio, constatei que poderia utilizar essa tarefa na minha aula. Pensei que traria motivação para a prática, ativação global e preparação para as tarefas específicas de aula. Tal aconteceu e tive sucesso já que obtive um bom feedback da grande maioria dos alunos.

A discussão no final de cada aula foi, na esmagadora maioria das vezes, profícua. Retirei ilações positivas, modelos e estratégias a aplicar nas minhas aulas em função da observação das aulas dos colegas. Por exemplo, na modalidade de Voleibol verifiquei novas progressões e novas tarefas a propor aos alunos e após aplicação nas minhas aulas, verifiquei que deram resultados positivos.

Ao possuir mais informação relativamente à minha atuação, consegui ter a noção de que a quantidade e qualidade dos meus feedbacks continuava alta e deveria continuar.

Relativamente à dimensão Clima /Disciplina, fui-me sentindo cada vez mais à vontade, no decorrer do ano letivo. Acredito que demonstro uma capacidade muito boa de controlo dos alunos, resultante do pleno domínio das técnicas de intervenção pedagógica e de conteúdos a leccionar. A minha intervenção sistemática foi no sentido de corrigir, estruturar e estimular o comportamento dos alunos. Em termos de comunicação penso que utilizo uma linguagem clara e adequada à compreensão e seu significado pelos alunos. Utilizei de forma bastante frequente terminologia correta e expliquei sempre os conteúdos e termos técnicos de modo a promover a compreensão dos alunos e sua consequente aprendizagem.

As decisões de ajustamento foram sempre efectuadas em função de decisões de ensino que entendi serem pedagogicamente e didaticamente corretas. Tentei tomar sempre as melhores decisões, ajustando-as às condições e meios possíveis e quando possível de forma criativa. A utilização do elástico a separar os campos de voleibol (uma vez que não possuíamos rede nem postes), bem como a adaptação de tabelas de basquetebol improvisadas foram alguns dos reajustamentos que efetuei com base na efetiva aprendizagem pelos discentes.

No futsal fiz igualmente alguns reajustamentos nas aulas, nomeadamente na explicação e execução de alguns conteúdos técnico-táticos de futsal. Reparei que o nível de alguns alunos estava bastante elevado pelo que adequei algumas tarefas para um nível mais exigente. As situações de finalização de 2x1 mais guarda redes, 3x2 mais guarda redes e 1 para guarda redes, foram alguns conteúdos que iniciei com alguns alunos desta turma. Além disso, a componente tática de marcação individual e de ataque em 3x1 com noção de pivot, paralela e diagonal, foi igualmente outro ajustamento que efetuei em aulas da modalidade de futsal.

Estas adaptações não planeadas antecipadamente permitiram aos alunos uma grande evolução técnico-tática. Não foi porém totalmente consolidada por limitação de aulas face ao planeamento inicial.

3.2 Compromisso com as aprendizagens dos alunos

Cada turma é única e todos os alunos são diferentes no seu desempenho motor, com percursos socioeconómicos, culturais diferenciados.

Com o elevado número de alunos na turma, tentei sempre criar objetivos gerais atingíveis por todos os alunos. Esta foi uma das principais medidas que tomei para realmente ir ao encontro das suas características. Ao mesmo tempo, e com a condução e regulação do processo ensino-aprendizagem, consegui definir objetivos específicos para determinados grupos de nível. Para tal foi fundamental a avaliação diagnóstica e formativa ao longo das aulas. No voleibol, andebol, futsal e na ginástica criei grupos de nível em função do diagnosticado, e com o decorrer das aulas destas unidades didáticas, estes grupos foram sendo

modificados em função das aprendizagens e do desenvolvimento de capacidades dos alunos. No final verifiquei que muitos alunos se aproximaram dos grupos de nível mais elevados. Nos balanços das unidades didáticas faço referência à diferença existente entre as avaliações diagnósticas e as sumativas.

Comprometi-me desde o início do estágio em promover oportunidades a todos os alunos. Esforcei-me sempre no sentido de variar as tarefas propostas de modo a elevar os níveis de motivação. No entanto, entendo que poderia ter utilizado com maior frequência os jogos lúdicos, principalmente no aquecimento, mas justifico esta fraca utilização com o elevado número de alunos e com frequentes comportamentos de desvio dos discentes aquando da realização destas tarefas. Terei de equilibrar as questões relacionadas com o controlo da turma e a ordem da aula com os aspectos motivacionais dos alunos.

De modo a poder dar condições de sucesso aos alunos, trabalhei imenso no sentido de ser claro, direto e objectivo, no que diz respeito à instrução. Esta foi essencialmente verbal, maioritariamente acompanhada por demonstração e utilizando os alunos algumas vezes como modelo. Na Ginástica, e com a presença de dois alunos de alto nível, utilizei-os variadíssimas vezes tanto para demonstração como para a explicação oral. Baseando-me na literatura, Pieron (1986) cit. por Petrica (2004) refere que “a instrução corresponde geralmente a uma percentagem de 10 a 25% da totalidade das intervenções. Carreiro da Costa (1995) cit. por Petrica (2004) salienta que “os professores eficazes se distinguem pela capacidade que revelam em proporcionar aos alunos uma instrução de maior qualidade científica e técnica, centrada fundamentalmente na informação dos requisitos técnicos de execução da tarefa a aprender, explicitada frequentemente com demonstrações”. Nas reflexões das minhas aulas pude constatar, através de informações de colegas e orientadores, que conseguia efetivamente dominar a dimensão instrução com grande à vontade. Intervinha convenientemente, com adequação e nos momentos oportunos. As minhas instruções centravam-se na ordem dos 15 a 20% das intervenções efectuadas. A minha linguagem era clara e acessível e revestida de qualidade técnico-científica. Esta minha característica é fruto das minhas pesquisas, do meu treino e da minha personalidade.

Não posso deixar de referir o trajeto da única aluna que, no primeiro período, e resultante de todas as avaliações, não obteve nível positivo à disciplina. Apresentava inúmeras dificuldades motoras e muita desmotivação para a prática da atividade física. No entanto, e fruto também da minha persistência e de um plano de recuperação elaborado e aprovado pelo conselho de turma, consegui que a aluna diminuísse a sua abstenção às aulas, bem como uma melhoria dos níveis motores globais. O empenho da aluna foi crescendo e a motivação também. Chegou ao 2º período e o esforço foi compensado já que atingiu os níveis mínimos de sucesso à disciplina. Já no 3º período continuou a sua evolução e notava-se claramente um aumento da sua auto-estima e da melhoria do relacionamento interpessoal com restantes alunos da turma.

3.3 Inovação nas práticas pedagógicas

A sociedade está em constante atualização e a escola, por inerência, também. Nesta minha prática pedagógica tentei, através de pesquisas bibliográficas e através de formação específica na área da Educação Física e Desporto, manter os meus conhecimentos científicos e didáticos atualizados. As unidades curriculares deste mestrado ministradas no ano lectivo anterior contribuíram igualmente para essa atualização e para um transfere para as minhas aulas. A utilização das novas tecnologias no Colégio, através dos sumários electrónicos e da plataforma *online*, vieram, sem dúvida facilitar o trabalho administrativo dos docentes. O grande objectivo desta inovação prende-se com o aumento de tempo disponível para o docente preparar as suas aulas da melhor forma possível potenciando as aprendizagens dos alunos.

Nas minhas aulas, e essencialmente no primeiro período, aquando da realização de obras de melhoramento dos espaços desportivos, apresentei uma série de vídeos documentando não só a modalidade de andebol, como também temas relacionados com a saúde e exercício físico. Esta tarefa implicou investimento da minha parte no sentido de me documentar cientificamente relativamente ao apresentado. O uso destas tecnologias é igualmente um factor de motivação para os alunos e para o seu processo ensino-aprendizagem.

A presença do núcleo de estágio permitiu-me diferentes abordagens de conteúdos a leccionar. Assim, e face às observações de outras aulas, utilizei novas estratégias e tarefas na turma que resultaram perfeitamente. É exemplo disso a optimização dos espaços na Unidade didáctica de Voleibol e Basquetebol. No primeiro consegui criar 4 campos de Voleibol, enquanto no basquetebol (e com 29 alunos e apenas um campo) consegui organizar o espaço em 3 áreas de modo a aumentar o tempo de tarefa.

Relativamente à preparação da aula, posso referir que em todas elas, sem exceção, todo o material necessário à mesma foi verificado e preparado antes da aula começar. Tal revelou-se fundamental na optimização do tempo de prática dos alunos. Por exemplo, existiam algumas bolas de voleibol e futsal que perdiam ar muito lentamente e para que pudesse ter pelo menos uma bola para cada par, era necessário encher as bolas antes do início da aula. Na ginástica foi fundamental a preparação de todo o material gímico, garantindo a colocação correta das estações, sempre antes do início das aulas.

3.4 Dificuldades sentidas e formas de resolução

A primeira grande dificuldade que surgiu diz respeito à redução de espaços desportivos nas primeiras semanas de aulas. As obras de melhoramento do Colégio condicionaram bastante as aulas práticas de Educação Física, pelo que planeei sempre uma aula teórica e uma aula prática. Apesar desta realidade, a adaptabilidade de todo o núcleo de estágio e grupo de Educação Física do Colégio São Martinho foi sempre elevada, pelo que a condução das aulas de estágio tiveram sempre preferência relativamente aos outros docentes. Foi uma fase crítica, já que, tanto para alunos como professores, as condicionantes eram elevadas. Com elevada organização e comunicação, fomos conseguindo adaptar todas as situações inesperadas. O facto de ser o primeiro ano em que o Colégio São Martinho recebeu núcleos de estágio, juntamente com todas as condicionantes das obras, mereceu da parte de todos os docentes de Educação Física a maior atenção e compreensão.

Todos estes factores mereceram da minha parte uma constante procura de soluções para o efeito. Tarefas novas, estratégias diferenciadas, espaços condicionados foram

diariamente refletidos. Sinto que tive dificuldades em conseguir inovar, em conseguir criar situações de aprendizagem efetiva, e hoje, partiria para um desafio semelhante com mais recursos e maior à vontade. A própria unidade didática de Andebol (a primeira a ser leccionada) foi afectada em função dos espaços disponíveis.

Um dos problemas que senti durante todo o estágio diz respeito à minha condição de professor do 2º ciclo na mesma Instituição. Este facto retirou-me a possibilidade de ter mais tempo para me dedicar em exclusivo ao estágio. No entanto fui sempre tentando colmatar esta situação com a atualização diária de todos os documentos de estágio.

Outro fator que gostava de referir neste campo diz respeito aos tempos de 45 minutos. Este ano, a aula de 45 minutos da minha turma era depois de uma aula de Geografia. Como os alunos tinham de se deslocar até aos balneários para se equiparem, perdiam imenso tempo nessa tarefa. Ainda no primeiro período intervim várias vezes junto dos mesmos fazendo-os refletir acerca do tempo despendido nessa ação. Após articulação com a professora de Geografia no sentido de fazer sair os alunos ao toque, criei uma regra de “atrasos” na aula de 45 minutos. Assim, nestas aulas os alunos tinham apenas 5 minutos para estarem disponíveis para a prática, devidamente equipados, no espaço de aula planeado. Quem não cumprisse teria de cumprir uma tarefa que podia passar por alguns exercícios físicos, arrumação do material no final da aula, ou outra. Penso que foi uma estratégia positiva (poucos alunos não cumpriram esta norma) já que foi suprimida uma dificuldade que estava a perturbar todo o processo ensino-aprendizagem dos alunos neste bloco de 45 minutos..

O facto da turma ser constituída por 29 alunos tornou-se efetivamente um desafio ao longo do ano. Quero com isto dizer que, a nível de planificação, tentei criar estratégias e tarefas exequíveis para todos os alunos, dando as mesmas oportunidades a todos eles. No início do ano lectivo senti que o relacionamento interpessoal de muitos alunos da turma não facilitava o processo ensino aprendizagem. Pelo contrário, criaram uma série de atritos e entraves à aprendizagem, essencialmente no que diz respeito a desportos colectivos. Perante isto tentei flexibilizar os grupos, ou equipas, de modo a integrar alunos com mais e menos dificuldades. Este não foi claramente um processo standard.

Ao nível dos planos de aula, senti que, como refere Bento (2003) “era determinante na regulação de processos de formação e educação, nomeadamente na orientação do processo de aprendizagem, na apropriação de conhecimentos e habilidades, na formação e desenvolvimento de capacidade, na ativação de comportamento de aprendizagem e na formação consciente e racional dos traços característicos da personalidade”. Perante esta importância do plano de aula, senti dificuldades iniciais na definição clara de objetivos. Comecei por me alongar nos mesmos, exigindo uma quantidade exagerada. Com o passar das aulas, e com o feedback do Professor Miguel Fachada e Professora Luísa Mesquita consegui definir exatamente o que pretendia com determinada tarefa e para determinado grupo de nível de alunos. Defini a tarefa claramente, utilizando uma linguagem simples e objetiva. Certificava-me que as demonstrações eram corretas e que a mensagem tinha chegado aos destinatários. Uma das estratégias que utilizei foi a de ter a clara certeza de que os alunos sabiam o que iam fazer e o porquê de o fazer. Justifiquei, por exemplo, porque é que o aluno A ou B efetuavam salto mortal à frente no minitrampolim e porque razão o aluno X ou Y não o poderiam fazer ainda. Com este processo certifiquei-me que os alunos sabiam o que lhes era pedido e o que poderiam ainda atingir.

Esta clareza ajudou-me a preparar melhor as aulas e as tarefas a propor, adequando “passo a passo” as aprendizagens dos alunos. A definição inicial da grelha de extensão e sequência de conteúdos foi apenas um indicador (com base nos programas de Educação Física para o 9º ano) daquilo que idealizei cumprir na unidade didática. Com o decorrer das aulas, esta grelha foi sendo retificada e adequada ao desenvolvimento dos alunos. Senti claramente que o processo de aprendizagem também se refletiu em mim, principalmente na definição clara de objetivos comportamentais, objetivos gerais e específicos, conseguindo um equilíbrio entre a exigência e a exequibilidade.

No final de cada aula, e após reunião com os colegas do núcleo de estágio e orientadora, elaborei um relatório sucinto onde descrevia os pontos fortes e fracos da aula. Este registo era um pouco subjetivo, não contabilizando claramente a evolução ou regressão em cada dimensão pedagógica. De futuro não faria esta grelha pois sinto que foi limitada nas informações de retorno, principalmente no que se refere à quantidade e qualidade de informação prestada. Acredito que esta grelha de reflexão de aula, no entanto, foi útil na 2ª

metade do estágio pedagógico. Nesta altura já tínhamos definição de rotinas e acredito que a sua simplicidade pudesse ser de clara interpretação.

O processo avaliativo foi um grande desafio para mim enquanto professor estagiário. Senti dificuldades e limitações no que diz respeito à operacionalidade dos critérios de avaliação, colmatando-as com consultas de normativos e bibliografia cedida na unidade curricular “Avaliação Pedagógica em Educação Física”.

A avaliação diagnóstica e a criação de indicadores para avaliar as execuções motoras dos alunos foram discutidas em reuniões do núcleo de estágio. Daqui realizámos as grelhas de avaliação diagnóstica que, como refere Ribeiro (1999) “a sua função é verificar se o aluno está na posse de certas aprendizagens anteriores que servem de base à unidade que se vai iniciar”.

O nosso instrumento de avaliação por excelência é a observação. Tal como refere Carvalho (1994), “duas pessoas a olhar, olham, inevitavelmente, de maneira diferente. A subjetividade está inerente ao processo avaliativo na disciplina de Educação Física, no entanto, devemos ser o mais rigorosos possível nessa mesma observação e com todos os alunos.”

De futuro, poderemos melhorar ao nível da seleção de critérios e que estes sejam transversais ao grupo de Educação Física. Carvalho (1994) refere que “a objectividade é “garantida” pela escolha criteriosa das situações de avaliação, pela definição de critérios e indicadores de observação precisos, pela quantidade de informações recolhidas e pelos resultados da auto e hetero - avaliação dos alunos”. Com base nisto todo o grupo de Educação Física deve trabalhar no sentido de se aproximar desta objectividade.

“A observação continua a ser um meio de aceder ao conhecimento dos factos e, de modo particular, para o professor de Educação Física (...). Revela-se um meio insubstituível, não só pela dificuldade de acesso e operacionalidade de outros instrumentos, mas (...) porque a sua interpretação, regra geral, deve ser imediata e no próprio local, nos breves momentos subsequentes à realização da acção, sob pena de perder a oportunidade e eficácia” refere Proença (1982).

Como o autor acima descrito refere, a disciplina de Educação Física terá sempre presente a observação como elemento insubstituível. Acredito que é na formação que iniciamos um processo de aprendizagem dessa mesma observação e registo. Na prática, e no meu estágio, senti clara necessidade de efetuar registos após as aulas sob pena de as “perder”. O caderno diário do professor, ainda que muito informal, foi um auxiliar importante no registo de pequenas ações inerentes ao processo ensino-aprendizagem. Os registos dos alunos que não fazem aula prática, os que não trazem equipamento ou os que se apresentam impossibilitados de realizar aula prática, foram fundamentais no que diz respeito ao controlo da prestação dos alunos. Posso referir que controlei os registos de uma aluna (que no primeiro período teve grande absentismo às aulas práticas) e que a confrontei com esse mesmo aspeto o que, pode ter contribuído, para uma melhoria da percentagem de realização das aulas práticas da mesma aluna.

No entanto o registo de palavras-chave relativos a alguns alunos permitem verificar evoluções, regressões ou estabilizações de comportamentos motores. O facto de registarmos que o aluno A ou B já efetua bloco no Voleibol ou o X e Y ainda não efetua um remate em apoio no andebol devido à sua fraca força superior, permite-nos, de futuro, adequar a prática a esse aluno.

Entendo que deveríamos ser, na questão da avaliação diagnóstica e no futuro, um pouco mais rigorosos no processo de organização da observação. Como refere Sarmiento (s/d) “há um conjunto de etapas processuais que é preciso respeitar: definir o que se vai observar; definir os critérios de observação; definir a ”medida” de observação; estabelecer os “itens” de observação e a observação propriamente dita.”

3.5 Dificuldades a resolver no futuro

Uma das dificuldades que penso que posso melhorar diz respeito à adequação de determinadas tarefas e progressões a alunos do 9º ano. O facto de ter vários anos de experiência com alunos do 2º ciclo criou-me por vezes dificuldades na escolha de progressões pedagógicas para alunos mais velhos. Este fator foi sendo ultrapassado com o decorrer das

aulas e foi alvo de reflexão da minha parte. O que deveria promover junto destes alunos? Quais os objetivos que pretendo que atinjam com esta progressão pedagógica? Estas foram algumas das questões que idealizei e que fui colocando ao longo do ano. As reflexões com a orientadora de estágio, no final de cada aula, fizeram-me interiorizar determinados erros que, no decorrer da aula, não me apercebi, nomeadamente linguagem com muitos diminutivos ou criação de grupos não funcionais.

Outro aspeto que pretendo melhorar, diz respeito à compreensão de determinados comportamentos para estas idades. Como atrás referi, a minha experiência com alunos mais novos causou-me alguns “vícios” nomeadamente no uso frequente de diminutivos. Com o decorrer da minha prática fui evitando esses termos já que com alunos em plena adolescência terei de ter necessariamente outra linguagem. Posso ser mais tolerante com alguns aspetos inerentes à própria essência da juventude, desde que não prejudiquem os colegas e o normal funcionamento das aulas.

As rotinas de aula foram poucas vezes utilizadas. Como já foi referido utilizei apenas os sinais com o apito. Com um número elevado de alunos, o uso de rotinas na aula facilita a gestão do tempo de aula e poderá promover uma melhoria do clima/disciplina. Este é um fator que poderei melhorar no futuro.

Não vejo que seja uma dificuldade minha, mas entendo que seja uma necessidade futura, a maior frequência de utilização de caderno diário. Bento (2003) dá-nos algumas pistas para melhorarmos o nosso desempenho docente: “documente aula após aula, semana após semana. Anote os seus problemas e êxitos. Deste modo está já a realizar, de certa maneira, uma avaliação. Aspectos que surgem com mais frequência constituem o *cerne* do seu confronto com os problemas de ensino”.

Verifico que, apesar de ter feito registos diários, poderia ter ido mais além, ou seja, poderia documentar e fundamentar ainda mais os problemas centrais do ensino. Este conjunto de “dados” serviriam certamente para me ajudar a regular, controlar e otimizar de forma mais completa possível todo o processo ensino-aprendizagem dos alunos.

3.6 Capacidade de iniciativa e responsabilidade (Ética profissional)

Um dos pilares fundamentais da minha vida como Homem e como profissional diz respeito à atitude ético-profissional. Faço, dos valores essenciais como o respeito, a amizade, o companheirismo e o profissionalismo, bases essenciais para a vida humana. É partindo desta base que todos os meus pensamentos, ações e reflexões se coadunam no processo educativo dos jovens e naturalmente no meu desenvolvimento profissional.

Penso que domino todas as competências relativas a este item de carácter transversal ao estágio pedagógico. Apresento um bom domínio de conhecimento geral e específico, no âmbito científico da profissão e quando por qualquer razão sou questionado sobre um assunto que não tenho a certeza, certifico-me em pesquisar e obter uma resposta válida. Dou o exemplo de uma dúvida apresentada por um aluno acerca de uma regra do Andebol. Não tinha a certeza absoluta, em virtude de ser uma regra nova nesta época desportiva, mas prontifiquei-me em esclarecê-la na aula seguinte, o que efetivamente aconteceu.

O trabalho em equipa neste estágio pedagógico nem sempre foi o mais eficaz e eficiente. As diferenças de personalidade e de pontos de vista entre os 3 elementos que constituíam o núcleo de estágio criou algumas barreiras iniciais. Revendo agora todas essas situações posso adiantar que retirei algo de positivo neste relacionamento. O facto de trabalhar com pessoas com diferentes maneiras de pensar transfere positivamente novas formas de analisar o nosso desempenho profissional. Assumi sempre o trabalho de equipa como uma responsabilidade própria e coletiva, cumprindo com o que foi estipulado. Assumi igualmente uma capacidade de iniciativa elevada no sentido de cumprir as exigências inerentes não só ao estágio como também à Instituição que me recebe como docente.

Relativamente ao material desportivo, foi sempre minha preocupação mantê-lo nas melhores condições, inventariando todo e qualquer material danificado e/ou inutilizado. Transmiti esta minha conduta para os alunos de modo a poderem compreender a importância da correta utilização do mesmo.

As tarefas que me propus realizar, nomeadamente no que concerne à caracterização da turma, foi efectuado e divulgado em reunião de conselho de turma. Assumi igualmente todo o trabalho realizado com a Diretora de Turma, assumindo sempre um papel responsável e ativo.

Relativamente à formação ética, “verifica-se que as escolas de formação de professores e educadores têm concedido um lugar menor ou ignorado totalmente à formação ética dos seus formandos, sendo a investigação nessa área quase omissa” refere Estrela (1999) cit. por Caetano (2009). Pessoalmente sinto uma lacuna nesta área e pretendo investir mais na formação relativa a conteúdos ético-profissionais.

3.7 Importância do trabalho individual e de grupo

Conforme já acima referi, o trabalho de grupo teve aspetos positivos e negativos. O fundamental foi sempre retirar ilações positivas de opiniões e pensamentos diferentes. Aprendi bastante com os meus colegas de estágio. Com a colega Mara Ramos identifiquei-me muito bem, já que vimos de realidades semelhantes e conseguimos articular convenientemente nas diversas competências que tínhamos de cumprir. Com o colega Mário Oliveira interagi igualmente muito bem, promovendo um saudável relacionamento. As suas experiências trouxeram-me novas estratégias e foi uma mais valia para o núcleo de estágio.

Quanto ao trabalho individual, este foi realizado diariamente e foi a base de sustentação para conseguir realizar o estágio pedagógico. Ao mesmo tempo que tentava cumprir da melhor forma as minhas competências como estagiário, tinha de leccionar 6 turmas e tinha ainda um grupo equipa de Desporto Escolar. Neste trabalho individual tive de me disciplinar bastante no sentido de realizar as tarefas inerentes ao estágio, sem descuidar naturalmente o meu trabalho profissional no Colégio São Martinho. A calendarização e a planificação foram fundamentais neste campo e todas as tarefas foram realizadas dentro dos prazos previstos. Só assim conseguiria cumprir com todas as minhas obrigações como profissional e como estagiário.

Tentei melhorar naquilo que sentia que era mais forte e que poderia servir de base para um estágio bem conseguido e com os objetivos atingidos. A instrução e demonstração são pontos fortes que possuo e “sobressaem pela sua importância, como dois dos principais factores de aprendizagem prévios, ou seja, anteriores ao início da prática motora” como refere Godinho (2002). Com esta consolidação verificada logo no início do ano, alterei o meu *focus* para a avaliação e planificação debruçando-me e empenhando-me para obter sucesso.

3.8 Questões dilemáticas

O início do ano foi um pouco complicado já que as instalações desportivas estavam em obras de melhoramento. Com as aulas a decorrerem e com o ruído provocado por máquinas e trabalhadores, as aulas foram bastante condicionadas. Ficámos limitados a um espaço polidesportivo exterior e ao ginásio. Tudo isto aconteceu durante as duas primeiras semanas, o que nos condicionou a abordagem da primeira unidade didáctica. No entanto o sacrifício foi recompensado, já que ficámos com mais um espaço coberto o que se revelou fundamental no atingir de objetivos. O esforço efectuado pela Direção do Colégio foi sem dúvida premiado já que tivemos um Inverno extremamente rigoroso o qual, sem estas obras de beneficiação, complicaria o cumprimento das planificações.

De uma forma geral as aulas decorreram de forma alegre e divertida, no entanto devo salientar que existiu sempre um clima de efetiva aprendizagem.

Outro aspeto a salientar diz respeito às avaliações dos alunos em todas as disciplinas (testes escrito). O Colégio São Martinho aderiu à realização de testes únicos. Os quais são realizados, por todas as turmas de um ano de escolaridade, no mesmo dia e à mesma hora. Quer isto dizer que todas as disciplinas foram afectadas com algumas aulas em que os alunos estariam a fazer testes de avaliação sumativo. Desta forma, e no meu plano anual, já estava previsto quais as aulas em que não será leccionado conteúdo da Educação Física, mas sim vigilância de teste. A grelha de testes encontra-se em anexo ao plano anual da turma e faz parte integrante do planeamento anual de qualquer disciplina no Colégio São Martinho. No

entanto, e na parte final do estágio existiu alguma flexibilização na marcação destes testes em função da aplicação dos testes intermédios de 9º ano. Face ao planeado no início do ano ficamos ainda privados de mais uma aula de 90 minutos, já no 3º período.

Um outro aspecto que condicionou as aulas de Educação Física diz respeito aos blocos de 45 minutos. Este ano esta aula era imediatamente posterior à aula de 45 minutos de Geografia. Este tempo de aula é considerado “fantasma”, já que, o tempo que os alunos demoram a sair de uma aula, equiparem-se e estarem preparados junto do professor reduz drasticamente o tempo útil. A meu ver este é um aspecto fundamental que o Ministério da Educação deve dar especial atenção, substituindo estas aulas por blocos de 90 minutos.

Por último não quero deixar de manifestar a minha preocupação com o elevado número de alunos por turma. A minha turma era constituída por 29 alunos, o que tornou muitas vezes as aulas em autênticas sessões originais de atividade física. Foi um desafio enorme criar progressões pedagógicas, estratégias diferenciadas e avaliações competentes para tantos alunos juntos. Pior seria se não houvesse espaços físicos para a realização de aulas com tantos alunos, o que não aconteceu. A meu ver terá de ser revisto esta situação já que, este elevado número de alunos condiciona também as aprendizagens dos alunos. Tal como refere Godinho (2002), “a prática é uma das variáveis mais importantes no processo da aprendizagem.(...) Não basta praticar. É necessário que essa prática seja apropriada, adequada ao nível do praticante e realizada nas melhores condições. A prática em condições deficientes pode ser mais prejudicial que a ausência de prática.”

3.9 Impacto do estágio na realidade do contexto escolar

Este foi o primeiro ano em que se realizou um núcleo de estágio no Colégio São Martinho. A interação com os diretores, docentes, funcionários e com alunos foi sempre muito positiva. Existiu sempre um clima relacional excelente, promovendo um convívio são e agradável.

Desde cedo que se sentiu a presença de professores estagiários de Educação Física no Colégio. Desde logo existiu colaboração constante nos vários torneios inter-turmas existentes ao longo do ano. Além disso, noutras atividades de escola, os professores estagiários estiveram presentes e foram presença ativa dos mesmos. O Corta-mato escolar envolveu mais de 250 alunos, os quais participaram ativamente nesta prova. Os professores estagiários colaboraram na organização, controlo e divulgação do evento e estiveram sempre disponíveis para ajudar o grupo de Educação Física.

Saliento ainda neste campo, o Sarau Cultural, realizado no Teatro Académico de Gil Vicente. Este evento é um dos pontos altos da Instituição, onde se pretende mostrar todo o dinamismo de alunos, pais e encarregados de educação, funcionários, professores e diretores do Colégio. É uma mostra cultural, científica, musical e desportiva. Foi neste último campo que os estagiários estiveram envolvidos, colaborando na organização e gestão de grupos de ginástica e dança.

O núcleo de estágio realizou dois eventos que dinamizaram grande parte da população escolar. O Radical Day decorreu no primeiro período e tinha como principal objetivo proporcionar aos alunos duas atividades distintas durante todo o dia. No entanto, não nos foi possível realizar a atividade durante todo o dia já que os alunos não estariam disponíveis para a realizar. Desta forma adequamos e condicionámos a atividade para a hora de almoço.

A realização de uma master classe de aeróbica e a presença de cordas em todo o campo nº1, trouxe algumas dezenas de alunos à nossa atividade. A realização de pontes paralelas e da tirolesa trouxe um desafio alucinante para muitos alunos, essencialmente para os mais novos. Já a master classe esteve mais direcionada para alunos do 3º ciclo e demonstrou ser interessante e bastante intensa. Se voltássemos a repetir a atividade teríamos de nos esforçar ainda mais para ter alguns pais e encarregados de Educação e até pensar em realizar a atividade num outro horário ou dia da semana. A colocação dos aparelhos de cordas também poderia ter sido diferente de modo a otimizar ainda mais as ações dos alunos. Quero apenas referir que, o aspeto logístico desta atividade é imenso e, se não fosse a colaboração do grupo de Educação Física, a atividade não seria realizada. Não seria exequível apenas 3 elementos montarem toda a estrutura no curto espaço de tempo disponível.

No segundo período realizámos nova atividade, desta vez com outra vertente organizativa. O “CSM sem Fronteiras” foi uma atividade realizada numa tarde de 4ª feira, onde as equipas de 7 elementos teriam de realizar várias atividades inovadoras. Utilizámos todo o espaço escolar e criámos tarefas originais de modo a motivar os alunos para este evento.

Toda a planificação, divulgação e preparação da atividade foi efectuada atempadamente, de modo a que os alunos pudessem ficar a conhecer o que lhes era pedido nas diversas provas. Participaram várias dezenas de alunos, de todos os ciclos de escolaridade e a animação foi uma constante. A interdisciplinaridade com o grupo de Educação Musical foi uma mais valia, pois enriqueceu bastante a atividade. A presença de música e de um relator de toda atividade garantiu um espírito positivo, alegre e dinâmico.

Sinto que em todas estas tarefas me empenhei profundamente e manifestei sempre disponibilidade para aprender e para ajudar no que fosse necessário. Em ambas as tarefas existiram situações que tivemos de adaptar, no radical day tivemos de adequar os locais de início e final de prova, já que estava a condicionar a realização da mesma. Neste evento devo ainda referir que toda ação foi sempre controlada, tendo adoptado os procedimentos corretos de forma a garantir toda a segurança dos alunos. No trabalho com cordas suspensas, todo o cuidado é pouco e a segurança é factor fundamental.

3.10 Experiência formal e profissional do ano de estágio (prática pedagógica supervisionada)

O facto de já ter realizado dois estágios pedagógicos (em 1º e 2º ciclo do ensino básico), no âmbito da minha formação académica inicial, e ter a experiência de doze anos de serviço a leccionar 2º e 3º ciclos na disciplina de Educação Física, trouxe necessariamente vantagens neste estágio pedagógico. Apliquei transferes positivos para a prática pedagógica dos alunos e fui mais eficaz em várias dimensões da intervenção pedagógica. Como Piéron

(1996) refere, “a revisão dos estudos deixa transparecer um número importante de questões sobre a possibilidade de “transfer” de situações de treino para a prática quotidiana, de “transfer” de uma matéria de ensino a outra, da influência de experiências pedagógicas e desportivas anteriores e da duração óptima para obter um resultado persistente e aceitável”.

Sem dúvida que a minha experiência profissional ao nível da organização e controlo de aula facilitou este processo. Fui assim verificando que, era ao nível da planificação e avaliação que se destacavam as minhas maiores lacunas. Fui sempre investindo na melhoria destas duas dimensões, utilizando as pesquisas bibliográficas e aproveitando todos os tempos livres para me dedicar a estágio pedagógico e essencialmente a estes dois parâmetros.

Se ao nível da planificação pude utilizar transferes positivos relativamente aos meus estágios pedagógicos anteriores, já no que diz respeito a avaliação o mesmo não aconteceu. A constante modificação na organização e gestão escolar exigiu uma rigorosa análise dos seguintes normativos: decreto-Lei nº 6/2001, que fala da reorganização curricular do ensino básico; Despacho normativo nº 30/2001 de 19 de Julho que assenta na avaliação do Ensino básico; despacho normativo nº 1/2005 de 45 de Janeiro que enuncia a avaliação do ensino básico. O despacho normativo 50/2005 de 20 de Outubro foi também analisado já que refere os princípios e normas orientadoras para a implementação, acompanhamento e avaliação dos planos de recuperação, de acompanhamento e de desenvolvimento como estratégia de intervenção com vista ao sucesso educativo dos alunos.

Com a prática educativa supervisionada, foram-me fornecidos uma série de dados importantes para a melhoria do meu desempenho docente. “Na formação Pedagógica, como no exercício da função de professor, a prática é bastante abundante. Todavia, ela tem lugar sem grande informação objetiva acerca da sua qualidade. Na prática pedagógica quotidiana, são raros os feedbacks objetivos que o professor recebe (...)” refere Piéron (1996).

O papel relevante exercido pela minha orientadora foi, sem dúvida, uma grande mais valia para a melhoria do meu desempenho docente. Os seus conselhos e a sua experiência profissional foram fundamentais para uma discussão profícua em prol de aprendizagens sustentadas e relevantes.

Acredito que consegui desenvolver um conjunto de instrumentos de avaliação de forma justificada, de modo a que os processos de avaliação inicial, formativa e sumativa formem entre si um todo coerente. No entanto, e como já foi referido neste relatório, este processo pode ser melhorado em função da turma e dos objetivos definidos no início do ano lectivo.

4. CONCLUSÃO

Terminada mais uma etapa fundamental da minha carreira profissional devo referir que esta formação foi muito importante para aperfeiçoar meios e métodos de ensino da Educação Física. A minha experiência de docência no 2º ciclo foi sem dúvida um bom alicerce para a construção de um processo de aprendizagem ao nível do 3º ciclo. Não posso contudo basear-me apenas nessa experiência pois todo o esforço efectuado por mim e por todo o núcleo de estágio de Educação Física foi no sentido de promover uma real e efetiva aprendizagem nos alunos de 3º ciclo do Ensino Básico.

O compromisso criado com o núcleo de estágio e com os alunos da turma foi sempre uma linha orientadora para me motivar e para poder retirar ilações positivas desta formação. A classe docente necessita de formação contínua de qualidade para poder manter os níveis elevados de profissionalismo, e no meu caso pessoal, sinto-me realizado e sinto que atingi claramente os objetivos de melhorar o meu desempenho docente no que concerne às dimensões pedagógicas, na optimização do tempo de prática dos alunos e no trabalho relativo à gestão escolar (assessoria).

Toda a produção de documentos inerentes ao estágio pedagógico foi sempre realizada com alto grau de seriedade e profissionalismo, respeitando as normas em vigor e refletindo sempre sobre elas. Este processo é longo e implica um constante reajustamento das nossas decisões, das nossas escolhas. Tal acontece em virtude de termos claramente definidos objetivos para a nossa turma. No meu caso pessoal, ter 29 alunos na minha turma de estágio, tornou-se sem dúvida um desafio alucinante e motivador, o qual considero que foi muito positivo. A motivação foi sem dúvida um dos sentimentos que me acompanhou ao longo

deste ano letivo. Tal como refere Bento (2003), “a pobreza de conteúdo, super ou subexigências, má organização do trabalho do professor e dos alunos, deficiente atitude de comportamento e de relacionamento do professor, são fatores que deixam enfraquecer muito rapidamente o interesse dos alunos.” Eu tentei, em todo este ano letivo, manter esse interesse elevado, organizando-me no dia-a-dia e estando sempre disponível para aprender.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAÑUELOS, F. (1992). Bases para una didáctica de la educación física y el deporte. Gymnos Editorial. Madrid

BENTO, J. O. (1998): *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte. Lisboa

CAETANO, A. e SILVA, M. (2009). *Ética Profissional e formação de professores*. Sísifo. Revista de Ciências da Educação. Nº 8. Jan/Abr

CARROLL, B. (1994). *Assessment in Physical Education: A Teacher's Guide to the Issues*. Falmer Press. London

CARVALHO, L.(1994) *Avaliação das aprendizagens em Educação Física*. Boletim SPEF nº 11. Lisboa

COELHO, O (1988). *Pedagogia do Desporto*. Livros Horizonte. Lisboa

GODINHO, M. (2002) *Controlo Motor e Aprendizagem. Fundamentos e aplicações*. Edições FMH. Lisboa

NOBRE, P. (2006). *Contributos da avaliação para o processo de construção e desenvolvimento do projecto curricular de escola*. Tese de mestrado. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.

NOBRE, P. (2008) Documentos de Apoio da unidade curricular Avaliação Pedagógica em Educação Física. FCDEF. Coimbra

PARREIRAL, S. (2005) *Contextos Familiares e Sucessos Educativos in Actas VIII Congreso GalaicoPortugués de Psicopedagogia*. Universidade da Coruña. España.

PERRENOUD, P. (1992) *Não mexam na minha Avaliação! Para uma abordagem sistémica da mudança pedagógica*. In Estrela, Albano e Nóvoa, António, *Avaliação em Educação: Novas perspectivas*. Educa. Lisboa

PIÉRON, M. (1996). *Formação de Professores. Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Edições FMH. Lisboa

PROENÇA, J. (1982). *A Observação e intervenção do professor*. Ludens. Vol 7, nº 1, Out/Dez.

RIBEIRO, L. (1999). *Avaliação da Aprendizagem*. Texto Editora. Lisboa

ROSADO, A. e COLAÇO, C. (Org.s) (2002). *Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das actividades físicas*. Omniserviços. Lisboa

SARMENTO, P. (s/d). *Observação na formação em desporto*.

SOBRAL, F. (1988). *Introdução à Educação Física*. Livros horizonte. Lisboa.